

RELATÓRIO

Avaliando e Redefinindo as Políticas para a África em um Novo Cenário Global: Cruzando Perspectivas entre o Brasil e o Marrocos

17.07.2017



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva. Conectado à agenda internacional, o CEBRI identifica e analisa as mais relevantes questões internacionais, promovendo o engajamento entre a produção de conhecimento e a ação política.

www.cebri.org



O CINDES foi criado em 2006 com o objetivo de contribuir para o aprofundamento do debate sobre as relações entre desenvolvimento e integração internacional do Brasil. Desde então o CINDES vem se consolidando como um centro de estudos *policy-oriented*, que analisa a política econômica externa do Brasil, suas posições e interesses em diferentes foros de negociação e cooperação internacional, a evolução do cenário mundial e seus impactos sobre a economia e as políticas econômicas do país.

www.cindesbrasil.org



O OCP Policy Center é um *think tank policy-oriented* marroquino situado em Rabat, Marrocos, que tem como objetivos promover o conhecimento e contribuir para reflexões relevantes sobre temas fundamentais da Economia e das Relações Internacionais. Por oferecer uma perspectiva do Sul acerca de desafios regionais e globais, o OCP Policy Center busca fornecer uma contribuição política significativa através de seus quatro programas de pesquisa: Agricultura, Meio-Ambiente e Segurança Alimentar, Desenvolvimento Econômico e Social, Economia e Finança de commodities e Geopolítica e Relações Internacionais.

www.ocppc.ma

Representantes dos setores público e privado, *think tanks* e acadêmicos, reunidos em julho, durante uma jornada de debates ao longo de um dia, discutiram temas comuns ao Brasil e ao continente africano, exploraram formas para a aproximação entre as duas regiões e inauguraram, na prática, uma nova fase de interação interatlântica.

O evento foi o seminário “Avaliando e Redefinindo as Políticas para a África em um Novo Cenário Global: Cruzando Perspectivas entre o Brasil e o Marrocos”, organizado conjuntamente pelo Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (CINDES), pelo OCP Policy Center do Marrocos e pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), com o apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Os principais temas abordados foram a trajetória do desenvolvimento africano, os desafios econômicos remanescentes, a estratégia brasileira para a África, o relacionamento Brasil-Marrocos, os setores produtivos complementares entre os dois países e as perspectivas futuras de integração. Da jornada, emergiu a visão de que o Marrocos representa potencialmente uma porta de entrada do Brasil para a África em geral, e para a África Subsaariana, em particular, e que o parceiro deste lado do Atlântico é um portal para a América do Sul.

“**A** África é a próxima fronteira do desenvolvimento (no mundo), a próxima China em termos de crescimento econômico”, afirma o Diretor do OCP Policy Center, sediado no Marrocos, Karim El Aynaoui. Ele participou do seminário “Avaliando e Redefinindo as Políticas para a África em um Novo Cenário Global: Cruzando Perspectivas entre o Brasil e o Marrocos”, organizado em julho pelo Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (CINDES), o OCP Policy Center e o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), com o apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em São Paulo.

Ao longo de um dia de debates divididos em seis painéis, com mais de 20 palestrantes dos setores público, privado, institucional e acadêmico, foram abordados temas cruciais para a conexão entre Brasil e África, em duas sessões: uma sobre a evolução e perspectivas futuras do continente africano e suas implicações para a estratégia africana do Brasil e a outra específica sobre o relacionamento Brasil-Marrocos. “O CEBRI tem um histórico, em quase duas décadas de atuação, de incluir a África em várias de suas iniciativas, desde que foi instituído no Rio de Janeiro por um grupo de diplomatas, acadêmicos e empresários”, lembra Roberto Teixeira da Costa, Conselheiro Emérito e um dos fundadores do *think tank* brasileiro.

Os debates envolveram os temas relacionados ao desenvolvimento africano, aos desafios remanescentes para o continente, à estratégia brasileira para a África, ao aprofundamento da relação bilateral e às perspectivas para o aprofundamento do relacionamento bilateral e para a cooperação em países da África Subsaariana.

Enquanto o Brasil atravessa momento crítico político e institucional, além de buscar a retomada do crescimento da economia, a África vem de um processo inicial de recuperação da atividade econômica, após anos de desaceleração. “O Brasil fez um investimento importante na África, econômico e diplomático, na primeira década do século XXI. Vivemos agora um período de refluxo. É um momento oportuno para discutir a estratégia vigente e agregar novos elementos”, comenta o Diretor do CINDES, Pedro da Motta Veiga.

África: desempenho econômico recente e perspectivas de curto prazo

O Diretor do Banco Mundial e *Senior Fellow* do OCP Policy Center, Otaviano Canuto, resumiu as principais expectativas para o continente

africano. “A média de crescimento para a região Subsaariana está estimada em 2,6% para 2017, com grandes variações entre diferentes países, ante um crescimento médio estimado em apenas 1,3% para 2016”, explica. Vale lembrar que a projeção de crescimento do Banco Mundial para a economia global é de 2,7% em 2017 – a África estaria, portanto, acompanhando a tendência esperada. Para efeito de comparação, a previsão de crescimento da instituição para a América Latina e Caribe é de 0,8%, caindo para variação de 0,3% no caso do Brasil. Um relatório do Banco Mundial retrata, ainda, que boa parte desta recuperação econômica na região africana em 2017 virá de países como Angola, cuja economia estagnou em 2016 e este ano deverá avançar 1,2%, assim como da Nigéria, onde o desempenho passará de negativos 1,6% no ano anterior para crescimento de 1,2% este ano. Os dois países são os maiores exportadores de petróleo e recuperaram-se das quedas de cotações do barril.

O crescimento das economias africanas não se concentra em países com o mesmo perfil. Pelo contrário. Outros países da região, com economias mais diversificadas, prosseguem com previsões de forte expansão para o ano. É o caso do Senegal (6,7%) e do Quênia (5,5%). Os dois países fazem parte das economias não dependentes da produção e exportação de petróleo na região, da mesma forma que Costa do Marfim (previsão de 6,8% para 2017) e Marrocos (3,8%). Das dez economias nacionais com maiores taxas de crescimento esperadas para 2017 no mundo, três são justamente da África Subsaariana: Etiópia (8,3%), Tanzânia (7,2%) e Djibouti (7%). Para os anos de 2018 e 2019, o Banco Mundial mantém projeções de ritmo acelerado para o crescimento da Etiópia (respectivamente de 8,0% e de 7,9%), Tanzânia (7,2% e 7,4%) e Djibouti (7% e 7,2%).

No relatório “*Reiniciar o Motor do Crescimento*”, lançado em maio passado, o chefe do departamento africano do FMI, Abebe Aemro Selassie, afirma que a África Subsaariana “continua a ser uma região com um enorme potencial de crescimento no médio prazo” e ressalta que são necessárias medidas de política doméstica sólidas para colher este potencial.

“Compreender o atual panorama econômico da África Subsaariana representa ponto de partida ideal para avaliar e redefinir políticas para o continente, com foco na região”, argumenta o Diretor do Banco Mundial. “O mundo está mudando e uma nova ordem está sendo desenhada. O equilíbrio de poder está mudando e há incertezas quanto ao tabuleiro global. O poder está se deslocando e também mudam as formas de ver o mundo. O Brasil é um investidor emergente na África e deveria intensificar o comércio com a região.”.

Desafios remanescentes para o desenvolvimento africano

O Diretor do OCP Policy Center, Karim El Aynaoui, apresentou alguns cenários para o crescimento africano no médio-longo prazo. Um deles, associado à Agenda 2063 da

União Africana (UA), que visiona uma África próspera, baseada no crescimento inclusivo e desenvolvimento sustentável. Dentre as aspirações desta agenda estão impulsionar o próprio desenvolvimento com uma administração sustentável e de longo prazo, considerando que:

- as economias estejam estruturalmente transformadas para garantir um crescimento comum, trabalho digno e oportunidades econômicas para todos;
- a agricultura seja moderna para o aumento da produção, produtividade e acréscimo de valor, para contribuir para a prosperidade do agricultor e a segurança alimentar da África, e
- a riqueza natural singular da África, o seu ambiente e os ecossistemas, incluindo as suas terras e vidas selvagens, sejam valorizados e protegidos.

Outro cenário citado pelo Diretor do OCP Policy Center leva em conta que os países africanos apresentariam taxas médias de crescimento anual em torno de 5%,. Persistiriam diferenças e desigualdades econômico-sociais no continente, neste que seria um cenário intermediário entre os princípios da Agenda 2063 e o que representaria um cenário mais negativo.

Conforme alertado pelo Economista Chefe do Gabinete do Primeiro Ministro do Senegal, Moubarack Lo, a África precisa de taxas de crescimento superiores, de 8% a 10% ao ano, para fazer frente a demandas sociais. Ele dimensionou a recente expansão africana e suas perspectivas. Em sua visão, a demanda interna, o consumo privado e os investimentos foram os principais motores do crescimento na região. Avalia, ainda, que continua a tendência de taxas decrescentes de pobreza em países africanos, embora a participação do continente no quadro global de pobreza seja ainda expressiva. Sumariza que a África dispõe de recursos naturais como o petróleo e reservas minerais, população jovem e em crescimento, baixo custo de mão de obra e uma classe média em expansão. O déficit em infraestrutura (eletricidade, estradas, telecomunicações), prossegue Moubarack Lo, geram demanda e oportunidades de investimentos na região. Quanto aos desafios, ele reforça a importância de reduzir o risco político e garantir a estabilidade institucional, em paralelo à consolidação de lideranças políticas e da boa governança administrativa local. Na dimensão privada, o destaque segue para a busca pelo fortalecimento de capacidades e do empreendedorismo.

O Diretor do Banco Mundial, Otaviano Canuto, enumera questões que considera essenciais para um crescimento sustentado da África: a redução do custo dos financiamentos de mercado ; a estabilidade da economia; e a manutenção da agenda de reformas estruturais, assim como o fortalecimento e consolidação de sistemas de proteção social. “A África tem muito a aprender com os erros e acertos do Brasil. Somos fontes de lições do que fazer e do que não fazer”, comentou. Ele lembra, ainda, que não existe, necessariamente, “maldição inevitável das *commodities*”. Canuto exemplifica

que Zimbabwe e Botswana descobriram reservas de diamantes no mesmo período, mas Botswana conseguiu converter os recursos primários em desenvolvimento socioeconômico, a partir de boa governança pública.

Nessa mesma linha, o evento permitiu discutir desafios remanescentes a serem enfrentados pelos países africanos, em especial aqueles da região subsaariana. Um deles é o aumento do valor agregado das exportações, fortemente concentradas em recursos primários. Neste sentido, foram destacadas a importância da atração de investimentos em infraestrutura, em especial em transportes e energia, assim como a formação de capital humano, incluindo práticas de boa governança e desempenho eficiente de instituições capazes de garantir segurança jurídica e rentabilidade a investidores.

São desafios que enfrentam os esforços para modernizar a agricultura africana e aumentar a produtividade agrícola. De acordo com o Presidente do Conselho Geral para o Desenvolvimento Agrícola de Marrocos, Mohamed Ait Kadi, em seu país o setor agrícola é um dos principais geradores de ocupação no trabalho. Na área rural, 80% da população depende da agricultura, que responde por 15% das exportações do país.

Uma das metas do país é incentivar o aumento da produtividade na agricultura familiar, desenvolvimento que pode se dar por meio de parcerias público-privadas. O investimento é percebido como um gatilho para aumentar a produtividade do setor. Isto exige o engajamento de diferentes *stakeholders*, das áreas pública, privada, plantadores e fazendeiros.

Foram apresentados os pontos centrais da estratégia de transformação agrícola do Marrocos (*Green Morocco Plan*):

- busca por desenvolvimento inclusivo e sustentável;
- plano como motor para transformação da agricultura marroquina em globalmente competitiva e *business oriented*;
- ruptura de modelos tradicionais, foco no desenvolvimento rural e na geração de emprego; e
- atenção à alta diversidade entre sistemas produtivos africanos: não há visão única válida para todos os países em todas as circunstâncias.

A estratégia brasileira para a África: momento de reflexão e revisão

Em linhas gerais, o Brasil desenvolveu esforços políticos na África ao longo da primeira década do século, envolvendo viagens presidenciais ao continente, principalmente aos países lusófonos, abertura de postos diplomáticos e realização de encontros bilaterais. O objetivo básico era abrir e manter forte o chamado diálogo Sul-Sul. Na perspectiva econômica, avançou o comércio de bens e serviços com países africanos.

Estudos realizados pelo CINDES mostram que o Brasil concentrou esforços principalmente em serviços de construção e no setor de mineração em grandes países de língua portuguesa do continente. Em paralelo ao cenário brasileiro, o momento econômico em países lusófonos colaborou para arrefecer as relações econômicas. A avaliação geral, a despeito das iniciativas, é de que a relevância do Brasil como parceiro econômico dos países africanos permaneceu reduzida. O país prossegue como *player* de pequeno peso relativo no continente, comparado, por exemplo, a outros países dos BRICS (China, Índia e África do Sul, principalmente).

Os trabalhos também demonstram que países não dependentes de recursos naturais têm avançado de forma consistente, tanto na África Ocidental quanto Oriental, e que a própria evolução do continente africano vem sendo apontando na direção da diversificação regional e econômica. “Há, entre o Brasil e um país como Marrocos, potencial para complementariedades, além de espaços para iniciativas bilaterais coordenadas em terceiros países africanos, concluem os autores.”

O Subsecretário-Geral de Assuntos Econômicos e Financeiros do Ministério das Relações Exteriores brasileiro, Embaixador Carlos Márcio Cozendey, destacou o caráter prioritário da negociação de um marco legal para a regulação e promoção da cooperação técnica e financeira entre o Brasil e países africanos, de modo a garantir um “ordenamento jurídico estável”, sobretudo para quando “recursos voltarem a estar disponíveis” para a cooperação internacional. O Embaixador também ressaltou a importância da entrada em vigor dos novos Acordos de Cooperação e Facilitação de Investimentos, ratificados com Angola, Moçambique, Malawi, assinados com Tunísia e Etiópia, e em estágio avançado de negociação com o Marrocos. Os acordos objetivam não apenas oferecer proteções e garantias a investidores, mas também estabelecer canais de cooperação entre governos signatários para a prevenção de controvérsias e identificação de oportunidades de negócios bilaterais. Ressaltou, ainda, a disposição do Mercosul levar adiante as negociações de um acordo comercial com o Marrocos.

A partir de um novo quadro regulatório e institucional de gerenciamento e fomento das relações do Brasil com a África, a estratégia brasileira deveria levar em consideração os desafios que os países africanos enfrentarão, nos próximos anos, para consolidar um padrão sustentável de desenvolvimento.

Nesse sentido, se, para o Diretor da Global Results e ex-Consultor Sênior do Banco de Desenvolvimento Africano, Keith Martin, a infraestrutura é “a chave para o sucesso da África”, em especial a infraestrutura energética confiável e eficaz, o Brasil representa uma fonte de lições sobre a geração de energia hidroelétrica, produção de biocombustíveis, particularmente o etanol, assim como outras energias renováveis. Enxerga ainda, a oportunidade de trocas entre o continente e o Brasil em áreas como a educação, além do *agribusiness* e de serviços, bem como investimentos necessários associados à rápida formação de aglomerações urbanas, como já vem ocorrendo em centros africanos, como Lagos (Nigéria).

O Conselheiro do CEBRI e Presidente da Kaduna Consulting, Roberto Giannetti da Fonseca, destacou a questão da segurança alimentar, a necessidade de atendimento às populações e os efeitos deste problema sobre a estabilidade política e a paz regional. “Poderíamos apoiar o desenvolvimento da agricultura africana com a experiência brasileira, que é muito bem-sucedida no setor, uma importante contribuição na relação Brasil-África”, disse Giannetti da Fonseca.

Relações Brasil-Marrocos: os quadros atual e potencial

Os *policy papers* desenvolvidos pelo CINDES para o OCP Policy Center abordam as características e oportunidades associadas ao comércio entre Brasil e Marrocos, bem como as políticas dos dois países para a África Subsaariana, explorando as possibilidades de atuação cooperativa em entre os dois países naquela região.

Houve um avanço do comércio bilateral, associado ao *boom* das *commodities*, porém, com uma queda recente. Esta corrente de trocas tem sido fortemente ligada à cadeia produtiva do agro: o Brasil importa fertilizantes e exporta produtos agrícolas, indica um dos estudos. Os fluxos comerciais refletem hoje a exploração de vantagens comparativas e um relacionamento pouco profundo entre as duas economias.

É possível, no entanto, com base nos indicadores de comércio, identificar oportunidades para a ampliação do comércio bilateral, em setores que têm menor volume de trocas atualmente e para os que registram trocas mais expressivas, mas que podem vir a ser expandidas. Neste contexto, segundo análise conduzida pelos Diretores do CINDES, Sandra Polónia Rios e Pedro da Motta Veiga, há possibilidade de diversificação das pautas exportadoras e de expansão, de fato, em setores de alto valor agregado – reforçando os cases dos setores automobilístico e aeronáutico.

De maneira resumida, os outros estudos apresentados durante o seminário indicaram que há longa estrada para avançar na relação econômica e financeira entre o Brasil e o Marrocos. Neste sentido, a estruturação de um acordo bilateral de livre comércio, assim como de tratados para promoção e desenvolvimento de investimentos, são marcos importantes:

O Embaixador do Marrocos no Brasil, Nabil Adghoghi, mencionou o estado avançado das negociações para o Acordo de Cooperação e Facilitação de Investimentos entre Brasil e Marrocos, que aguarda apenas a assinatura marroquina, além de destacar a possibilidade de conclusão, ainda em 2017, de um acordo bilateral para evitar a bitributação nos setores de transporte aéreo e marítimo. No âmbito do acordo comercial Mercosul-Marrocos, anunciou possível visita do Chanceler marroquino ao Brasil, provavelmente no último trimestre deste ano, para lançamento de negociações técnicas.

O Marrocos pode servir como porta de entrada do Brasil não só para a África, mas também para o mundo árabe”, segundo Marcus Vinícius de Freitas. Ele acredita que o Século XXI provavelmente “verá laços mais profundos entre Brasil e países africanos”.

“Considerando que os países africanos e do Oriente Médio deverão crescer entre 3% e 5% (nos próximos anos), e alguns deles ultrapassarão a taxa de 5%, o Brasil deve incrementar seu interesse em estabelecer uma parceria duradoura com o Marrocos. Para isso, os países devem construir uma ambiciosa agenda bilateral para incrementar o comércio e reduzir as restrições”, defende o Professor de Relações Internacionais da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) e *Senior Fellow* do OCP Policy Center, Marcus Vinícius de Freitas.

Para ampliar as relações comerciais e diversificar o fluxo de produtos, o CEO da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, Michel Alaby, sugere maior intercâmbio de missões empresariais, participações em feiras nos dois países e menos burocracia, junto à agilidade nas negociações para o acordo comercial entre o Mercosul e o Marrocos. “Precisamos alavancar as relações econômicas entre os dois países. O Marrocos não é um hub importante apenas para os países africanos, pode contribuir também para ampliar a presença em todos os países árabes”, completou.

Setores promissores

Na pauta comercial hoje entre o Brasil e o Marrocos, alguns setores são estratégicos e com grandes chances de incrementos nas transações de comércio. Na indústria, o setor automotivo é um dos que apresentam elevado potencial de expansão dos fluxos de comércio intra-industrial. A Diretora do CINDES, Sandra Rios, apresentou outros segmentos com oportunidades para os dois lados: roupas, calçados, componentes elétricos e peixes como possibilidades para o Marrocos exportar, e de minério, aço, produtos químicos, farmacêuticos e máquinas industriais, na via contrária.

Outro setor relevante para o aprofundamento das relações econômicas Brasil-Marrocos é o aeronáutico, levando em conta a alta competitividade brasileira e o rápido crescimento marroquino no setor. Presidente do Grupo de Indústrias Aeronáuticas e Aeroespaciais Marroquinas, Karim Cheikh destaca a evolução da atividade no país: entre 2000 e 2015, as exportações do setor aumentaram dez vezes e o número de empregados avançou nove vezes. O executivo enfatizou a crescente competitividade do Marrocos na manufatura de componentes básicos (particularmente fiação elétrica, conectores e eletrônicos *on-board*) e seu crescente engajamento em atividades de maior valor adicionado, como serviços de engenharia e *design*. Karim Cheikh também manifestou a expectativa de aprofundamento da cooperação entre Brasil e Marrocos nessa indústria.

Leonardo Mercante, Gerente de Relações Externas da EMBRAER, reconheceu os baixos custos e alta eficiência do Marrocos na produção de partes e componentes para o setor aeronáutico. Segundo Mercante, o setor aeronáutico é particularmente relevante para o desenvolvimento nacional devido a seus efeitos positivos sobre a inovação tecnológica e a geração de renda e emprego.

Nesse setor, a Embraer emerge como *player* competitivo. Já fornece aviões à Royal Air Maroc. O primeiro lote dos jatos Embraer E190 começou a ser entregue à companhia aérea no fim de 2014. O fabricante brasileiro prevê demanda de mercado para 220 novos jatos com capacidade entre 70 e 130 assentos para o continente africano nos próximos 20 anos, entre 2017 e 2036. Ainda conforme seu mais recente *2017 Market Outlook Report*, a Embraer menciona que o interesse chinês cresce no continente africano, o que tende a potencializar o tráfego aéreo. O documento demonstra também que o crescimento nos negócios realizados entre China e África impactará o tráfego de passageiros no período e cogita que o continente africano poderá não ficar imune à consolidação de companhias aéreas em curso no mundo.

Os esforços para incrementar as relações bilaterais não podem ignorar o fenômeno das cadeias internacionais de valor, como destacou o Professor da Sciences Po e *Senior Fellow* do OCP Policy Center, Alfredo Valladão.

Ele cita casos sobre onde poderiam ser capturados resultados de uma maior integração, como o de fertilizantes, além do aeronáutico. O Embaixador do Marrocos em Brasília, Nabil Adghoghi, explica que o mundo vem se abrindo em torno de novos arranjos produtivos. “Hoje em dia não pensamos mais em qual produto vender, ou qual comprar. Um país produz 10% de um produto, o outro faz 30%, e por aí vai”, explicou, destacando os avanços que o Brasil fez nas áreas de agronegócio, automotiva e energia renovável.

Conclusões

O seminário produziu uma rica troca de ideias e experiências relacionadas aos desafios do desenvolvimento africano e às relações do Brasil com a África e, em particular, com o Marrocos. Apesar do rápido crescimento econômico observado no continente africano, os desafios para tornar tal dinamismo sustentável e inclusivo estão longe de ter sido vencidos, como o atesta a desaceleração recente de muitas das economias do crescimento e da constatação de que a capacidade para aproveitar o boom de commodities para diversificar a economia variou muito entre os países. Infraestrutura, educação e boa governança pública nos marcos de uma institucionalidade sólida aparecem como desafios pendentes e pré-requisitos para a disseminação, no continente, de práticas e experiências bem sucedidas em alguns dos países africanos e em outras regiões do mundo.

Do lado do Brasil, após uma década de ativismo diplomático e empresarial – concentrado na exportação de serviços e nos países lusófonos – a estratégia africana do país encontra-se em fase de refluxo. Nesse caso, crise e oportunidade caminham juntos: trata-se de aproveitar a situação para discutir alternativas e possibilidades envolvendo novos setores e novos parceiros na região, especialmente naqueles países em que o Brasil tem pouca penetração.

O primeiro passo neste sentido parece ser, como ponderou o representante do MRE, reordenar e atualizar o quadro regulatório e institucional de gerenciamento das relações do Brasil com a África, através de medidas domésticas, mas também de acordos de comércio e investimentos. Cria-se, assim, infraestrutura regulatória favorável ao aprofundamento das relações entre os dois lados do Atlântico Sul.

É deste ponto de vista que o relacionamento entre Brasil e Marrocos parece especialmente promissor. Trata-se de duas economias com baixo grau de relação econômica, mas com potencial significativo para incrementar fluxos bilaterais de comércio e de investimentos e para desenvolver iniciativas conjuntas em países da África Subsaariana. O Marrocos vem implementando uma estratégia consistente de priorização da África Subsaariana em sua política externa e é identificado na região como parceiro confiável e fonte de comércio, de investimentos e de cooperação. Essa condição pode ser bastante funcional para uma nova estratégia brasileira, em que a diversificação de setores e mercados apareça como objetivo relevante.

“

Precisamos alavancar as relações econômicas entre os dois países. O Marrocos não é um *hub* importante apenas para os países africanos, pode contribuir também para ampliar a presença em todos os países árabes.”

Michel Alaby, CEO da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira

“

A África é a próxima fronteira do desenvolvimento, a próxima China em termos de crescimento econômico.”

Karim El Aynaoui, Diretor do OCP Policy Center do Marrocos

“

O comércio e as relações econômicas bilaterais entre os dois países ainda estão na fase inicial.”

Sandra Polónia Rios, Diretora do CINDES

“

As conversas (Mercosul-Marrocos) estão avançando, estamos estudando os impactos. A visita do chanceler deve dar início às negociações técnicas para esse acordo bilateral.”

Nabil Adghoghi, Embaixador do Marrocos no Brasil

“

O Brasil é um investidor emergente na África e deveria intensificar o comércio com a região.”

Marcus Vinícius de Freitas, Professor de Relações Internacionais da FAAP

“

A infraestrutura é a chave para o sucesso da África.”

Keith Martin, Diretor da Global Results

“

O Brasil fez um investimento importante na África, econômico e diplomático, na primeira década do século XXI. Vivemos agora um período de refluxo. É um momento oportuno para discutir a estratégia vigente e agregar novos elementos.”

Pedro da Motta Veiga, Diretor do CINDES

“

Poderíamos apoiar o desenvolvimento da agricultura africana com a experiência brasileira, que é muito bem-sucedida no setor, uma importante contribuição na relação Brasil-África.”

Roberto Giannetti da Fonseca, Conselheiro do CEBRI e Presidente da Kaduna Consultoria





APOIO:



Confederação Nacional da Indústria